



# ANAIS do 36º Congresso Brasileiro de Espeleologia

Brasília-DF, 20-23 de Abril de 2022



O artigo a seguir é parte integrando dos Anais do 36º Congresso Brasileiro de Espeleologia (CBE) disponível gratuitamente em [www.cavernas.org.br](http://www.cavernas.org.br).

Sugerimos a seguinte citação para este artigo:

BARBOSA, E. P.; SANTOS, M. S.; ANDRADE, C. S.; RIBEIRO, D. B.; ÁVILA, F. S.; SARMENTO, F. O.; GONDIM JUNIOR, N. A.. Caverna em festa: a romaria da Lapa da Mangabeira em Ituaçu – Bahia. In: MOMOLI, R. S.; STUMP, C. F.; VIEIRA, J. D. G.; ZAMPAULO, R. A. (org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPELEOLOGIA, 36, 2022. Brasília. *Anais...* Campinas: SBE, 2022. p.096-100. Disponível em: <[http://www.cavernas.org.br/anais36cbe/36cbe\\_096-100.pdf](http://www.cavernas.org.br/anais36cbe/36cbe_096-100.pdf)>. Acesso em: *data do acesso*.

Esta é uma publicação da Sociedade Brasileira de Espeleologia.  
Consulte outras obras disponíveis em [www.cavernas.org.br](http://www.cavernas.org.br)

## CAVERNA EM FESTA: A ROMARIA DA LAPA DA MANGABEIRA EM ITUAÇU – BAHIA

CAVE IN CELEBRATION: THE PILGRIMAGE TO MANGABEIRA'S CAVE IN ITUAÇU – BAHIA

Elvis Pereira BARBOSA (1); Márcio Santana SANTOS (2); Célio dos Santos ANDRADE (3); Deyvisson Bonfim RIBEIRO (4); Fernando Silva ÁVILA (5); Franklin Oliveira SARMENTO (6); Nei Alves GONDIM JÚNIOR (7).

(1) Professor da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/DFCH. Membro da Sociedade Nordestina de Espeleologia – Espeleonordeste e do Grupo Sul Baiano de Espeleologia - GSBE. [elvisb@uesc.br](mailto:elvisb@uesc.br)

(2) Professor da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Campus XVIII, Eunápolis. Membro da Sociedade Nordestina de Espeleologia - Espeleonordeste e do Grupo Sul Baiano de Espeleologia – GSBE.

(3) Membro do Grupo Araras de Espeleologia – GAE, Ituaçu, Bahia. Membro da Sociedade Nordestina de Espeleologia – Espeleonordeste.

(4) Membro do Grupo Araras de Espeleologia – GAE, Ituaçu, Bahia. Membro da Sociedade Nordestina de Espeleologia – Espeleonordeste.

(5) Membro do Grupo Araras de Espeleologia – GAE, Ituaçu, Bahia. Membro da Sociedade Nordestina de Espeleologia – Espeleonordeste.

(6) Membro do Grupo Araras de Espeleologia – GAE, Ituaçu, Bahia. Membro da Sociedade Nordestina de Espeleologia – Espeleonordeste.

(7) Membro do Grupo Araras de Espeleologia – GAE, Ituaçu, Bahia. Membro da Sociedade Nordestina de Espeleologia – Espeleonordeste.

**Contatos:** [elvisb@uesc.br](mailto:elvisb@uesc.br); [marciosantanasantos@hotmail.com](mailto:marciosantanasantos@hotmail.com); [celiosandrade@gmail.com](mailto:celiosandrade@gmail.com); [deyvissonribeiro@hotmail.com](mailto:deyvissonribeiro@hotmail.com); [nandoavila3652@gmail.com](mailto:nandoavila3652@gmail.com); [franklinsarmento@hotmail.com](mailto:franklinsarmento@hotmail.com); [neigondimjr@gmail.com](mailto:neigondimjr@gmail.com).

### Resumo

Este trabalho procura apresentar, através da análise de imagens fotográficas, as diversas manifestações da romaria cristã no sertão baiano, com base nas experiências registradas na Gruta da Mangabeira (CNC/SBE BA-003), no município de Ituaçu, Bahia. A abordagem busca relacionar as formas das celebrações da romaria do Sagrado Coração de Jesus, enquanto uma “festa religiosa” no interior desta cavidade natural subterrânea, a partir da Análise Documental (AD) das expressões simbólicas presentes nas imagens retratadas. Nesse sentido, consideramos que as fontes imagéticas representam um importante registro das experiências socioculturais das sociedades contemporâneas em sua busca por registrar suas memórias e preservar suas tradições. Para tanto serão utilizadas fotografias da romaria do Sagrado Coração de Jesus, no Santuário da Gruta da Mangabeira com o intuito de perceber as diferentes formas de representação do sagrado em sua relação com a natureza.

**Palavras-Chave:** Romaria Cristã; Cavernas da Bahia; Tradição Religiosa; História Ambiental.

### Abstract

*This work seeks to present, through the analysis of photographic images, the various manifestations of the Christian pilgrimage in the back lands of Bahia, based on the experiences recorded at Mangabeira's Cave (CNC/SBE BA-003), in the municipality of Ituaçu, Bahia. The approach seeks to relate the forms of the celebrations of the pilgrimage of the Sacred Heart of Jesus, as a "religious festival" inside this natural underground cavity, based on the Document Analysis (AD) of the symbolic expressions present in the images portrayed. In this sense, we consider that imagery sources represent an important record of the sociocultural experiences of contemporary societies in their quest to register their memories and preserve their traditions. For this purpose, photographs of the pilgrimage of the Sacred Heart of Jesus will be used in the Sanctuary of the Mangabeira's Cave in order to understand the different forms of representation of the sacred in its relationship with nature.*

**Keywords:** Christian Pilgrimage; Caves of Bahia; Religious Tradition; Environmental History.

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo procura discutir alguns aspectos de romarias religiosas, mais especificamente àquelas que envolvem cavernas. Normalmente observado de um fenômeno social típico do interior do Brasil: as

maneira mais representativa nos locais onde a religiosidade assume características peculiares que envolvem o fascínio pelo fantástico e em alguns casos contrapõe-se ao poder político legalmente constituído, este assunto é pouco explorado pela Espeleologia ou mesmo pela Antropologia, mas vem ganhando novos contornos, novas abordagens e despertando entre os espeleólogos um maior interesse, principalmente por mostrar que existem outras dimensões a serem analisadas além da descrição técnica dos espeleotemas, do espaço geológico ou da topografia das cavernas. As cavernas apresentam um ambiente e microclima próprios, fazem parte de outro cenário, onde luz e escuridão se confundem e a simbologia que trata do imaginário, dos mitos, dos ritos e dos signos – religiosos ou não – também se entremisturam. Este ambiente geológico diferenciado já foi utilizado para os mais diversos fins ao longo da história humana. Desde os primeiros grupamentos humanos, servindo como abrigo às comunidades de caçadores-coletores, sendo refúgio em momentos de guerra, sendo necrópole para diversos povos, sendo templo para outros, sendo também moradia, esses ambientes fazem parte do processo de construção cultural e social das civilizações contemporâneas.

Assim, apresentamos aqui um breve estudo a respeito da romaria à Gruta da Mangabeira, em Ituaçu, Bahia, Brasil.

## 2. METODOLOGIA

A Gruta da Mangabeira (CNC/SBE BA-003) localizada no povoado da Gruta da Mangabeira, município de Ituaçu, Bahia, Brasil, é uma caverna de grande beleza cênica e fácil acesso a visitação. Possui um desenvolvimento linear para a área de visitação turística de 1.057 metros e desnível de 30 metros. A Gruta da Mangabeira possui a segunda romaria mais tradicional do estado da Bahia, perdendo apenas para a Gruta do Bom Jesus da Lapa, com seus mais de 300 anos.

Falar de uma romaria para cavernas significa fazer uma abordagem em torno da devoção e principalmente da imagem. De acordo com Chartier (1993) a imagem é para o historiador, ao mesmo tempo, transmissora de mensagens enunciadas claramente, que visam seduzir e convencer, e tradutora, a despeito de si mesma, de convenções partilhadas que permitem que ela seja compreendida, recebida e decifrável. Nessa perspectiva, a imagem é detentora de um discurso e uma narrativa semiótica, que capta reminiscências de outras épocas e nos permite traduzir sob a ótica de nosso tempo. Halbwachs (2006) considera que as memórias são construções de grupos sociais, são

elas que determinam o que é memorável e os lugares onde essa memória será preservada. Aliadas e quase que indissolúveis, imagem e memória são ferramentas imprescindíveis no trato da História do Cotidiano, das leituras simbólicas das experiências sociais e, em especial, das narrativas fantásticas e religiosas presentes no imaginário coletivo das romarias do sertão baiano.

Como bem notou Euclides da Cunha (2005) em sua épica obra *Os Sertões*, "a via-sacra dos sertões, macadamizada de quartzito alvíssimo, por onde tem passado multidões sem conta em um século de romarias. A religiosidade ingênua dos matutos ali talhou, em milhares de degraus, coleante, em caracol pelas ladeiras sucessivas, aquela vereda branca de sílica, longa de mais de dois quilômetros, como se construísse uma escada para os céus". Comparando-se com Rosendahl (2012) que afirma serem as romarias uma demonstração de fé que adquire uma nítida espacialidade, pois envolve o deslocamento de um lugar a outro marcado por uma periodicidade regular, envolvendo assim, espaço e tempo, fixos (os lugares sagrados) e fluxos (a peregrinação). Nesse sentido, as romarias representam mais do que um ato religioso em si. Englobam elementos identitários e traduzem em seus ritos e símbolos parte importante da cultura local em sua relação com o mundo.

Para Elliot e Magio (2013; 2015) uma imagem fotográfica tem valor no testemunho histórico, quando seus registros da realidade contribuem para a manutenção da memória e construção do conhecimento. Ressaltam ainda as autoras que a fotografia vai muito além de ser apenas um registro documental. Faz parte da construção da identidade de uma sociedade, preservando a memória individual e coletiva.

Neste trabalho, optou-se pela análise imagética de fotografias das romarias realizadas no Santuário do Sagrado Coração de Jesus da Gruta da Mangabeira em Ituaçu, Bahia, Brasil. Para além das fotografias, foram utilizados relatos orais coletados por Edilece Couto (2020) que tratam das experiências devocionais no Santuário da Gruta da Mangabeira no século XX. Esses relatos, aliados ao conjunto das representações simbólicas presentes nas fotografias, permitirão um olhar mais amplo sobre o turismo religioso no Santuário do Sagrado Coração de Jesus da Gruta da Mangabeira.

## 3. RESULTADOS

A análise das imagens e dos documentos revelam um universo religioso repleto de



simbolismo, onde o sagrado reveste-se de sincretismo, mesclando as práticas litúrgicas do catolicismo oficial com os ritos profanos (CASTRO, 2008) No ambiente cavernícola, a paisagem assume uma cosmologia própria, mesclando mitos populares com a liturgia cristã. Assim, para o homem religioso a natureza nunca é exclusivamente natural, lhe permitindo buscar sinais da obra divina em paisagens fantásticas como as cavernas (ELIADE, 2001). Nesse sentido, as romarias representam a expressão objetiva dessas crenças, pois possuem uma espacialidade e uma temporalidade próprias demarcadas por peregrinações e ritos bem definidos.

A romaria ao Santuário do Sagrado Coração de Jesus da Gruta da Mangabeira nasceu das tradições orais em torno do mito do vaqueiro, muito comum no sertão da Bahia. Segundo as narrativas populares, procurando uma rês desgarrada do rebanho, um vaqueiro ao cair do cavalo é arremessado para o interior da caverna. Durante a queda pela clarabóia, ele roga para o Coração de Jesus e sai ileso do acidente. No local, a aproximadamente 500 metros da entrada, hoje encontra-se um cruzeiro. Os ritos religiosos, entretanto, concentram-se no majestoso salão de entrada da caverna, que surge imponente à medida que os fiéis descem as escadarias.



**Figura 1:** Escadarias de acesso ao santuário.

As primeiras comparações entre a Gruta da Mangabeira e um espaço sacro datam do final do séc. XIX, narradas pelo inspetor de destacamentos policiais da Província, Durval Aguiar em 1883: “O teto é naturalmente embelezado por estalactites pendentes, fingindo candelabros [...] com esta sublime arte que só a natureza emprega, altares, molduras de ricas talhas, púlpitos, arrendadas sanefas, balaustradas, arvoredos, folhagens e outras surpreendentes e deslumbrantes maravilhas, que a avermelhada luz dos archotes engrandece na razão da exaltação do pensamento diante do assombroso e monumental palácio das fadas dos contos da infância, edificado pelos séculos como obreiros, sob a direção da natureza como arquiteto” (COUTO,

2020). Essa admiração, aliada ao milagre do vaqueiro, alimenta a crença popular que, já no início do século XX, atraía a atenção de romeiros, clérigos, peregrinos e promesseiros.



**Figura 2:** Altar do Sagrado Coração de Jesus.

Além do altar principal, o santuário possui altares menores dedicados a Nossa Senhora do Alívio, Nossa Senhora Aparecida, Santo Antônio, Santo Expedito, e a Capela do Santíssimo, que se encontra fechada para visitação. No altar de ex-votos, ícones católicos se misturam com símbolos da umbanda, desvelando o rico sincretismo presente no santuário.



**Figura 3:** Altar de Nossa Senhora do Alívio.



**Figura 4:** Altar de Nossa Senhora Aparecida.

Atualmente, estima-se que 150 mil peregrinos e turistas visitam o santuário anualmente. Esse fluxo torna-se mais intenso entre os meses de agosto a setembro, período da romaria do Sagrado Coração de Jesus.



**Figura 5:** Fluxo de visitação durante a romaria.

#### 4. CONCLUSÕES

Geologicamente, as cavernas são possuidoras de clima e temperatura próprios, de características topográficas adversas, de ambiente hostil – rochas desabadas, teto rebaixado, poeira, lama, umidade, excrementos de morcegos e outros animais que vivem ao abrigo da luz – e que não possuem correlação com outros locais geograficamente e geologicamente definidos. Sob esta premissa, a caverna não possui elementos que a tornem sagrada, ou que possam evocar a uma referência sacra. Ela torna-se sagrada na medida em que o seu uso ganha características ritualísticas, evocando elementos que habitam o imaginário religioso, ritualístico, mitológico e transcendental do ser humano.

Mas algo perpassa estas características específicas e exclusivas que envolvem a caverna. Apesar de toda a adversidade, como a localização, a dificuldade para percorrer algumas de suas galerias, muitas cavernas são utilizadas como santuários, são tornadas sacras e passam a habitar o imaginário popular como “um ambiente de Deus”. Para o cristianismo, mais especificamente entre os adeptos do catolicismo, nas cavernas sagradas é possível “encontrar o criador” e assim adorá-lo, seja de forma direta – quando a caverna remete a um culto que representa o próprio Deus, como a Gruta da Mangabeira em Ituaçu (Gruta do Sagrado Coração de Jesus) – ou indiretamente, quando representa um dos seus “santos” como a Lapa dos Brejões em Morro do Chapéu, Bahia, Brasil (nesta gruta reverenciam Nossa Senhora das Graças). Esta equação – a sacralização de um espaço natural – é um pouco difícil de ser compreendida, pois nem sempre o seu resultado concorda com a proposição do seu problema e nem sempre são apresentadas as

respostas esperadas. Assim, algumas perguntas difíceis de serem compreendidas, aparecem de imediato: como o espaço geológico subterrâneo é tornado sagrado? Ou numa outra perspectiva: o que leva alguns indivíduos a considerarem sagrado o ambiente adverso de uma caverna? E por último: porque uma caverna?

A caverna traz em si uma simbologia muito expressiva e diversa. Pode nos remeter ao útero materno e associarmos à fertilidade, à Terra Mater fecunda, de onde nasceu o Homem, que dá os frutos, o alimento para todos os seres. A caverna faz parte deste cosmos conforme representado por Eliade (2001). Neste sentido, transformar o espaço natural em sacro, para o peregrino, soa como algo natural.

Definir um lugar sagrado não é, aparentemente, algo simples. Para diversos estudiosos este entendimento vai muito além do simples ato de elencar alguns elementos simbólicos que estejam presentes no interior dos santuários. Esse local, esse espaço, está relacionado à vida daqueles que se utilizam cotidianamente ou não das referências do locus como parte preponderante da sua vida e dos seus valores simbólicos. O espaço pode ser transformado pelas práticas religiosas ali realizadas, atribuindo então a qualidade de sagrado ao local. Essas práticas necessitam do reconhecimento dos demais grupos sociais para que a sacralidade seja então consolidada.

Em Ituaçu o espaço também não nasceu sagrado, como em Massabielle, na aldeia de Lourdes nos Pirineus franceses, ou nas grutas italianas por onde São Francisco de Assis viveu no final do século XII. Nesta cidade, o ambiente foi sacralizado a partir dos contos que envolvem vaqueiros que perderam os seus animais e o localizaram dentro da caverna ou se perderam nos diversos condutos dela e ao rezarem para os seus santos de devoção encontraram os animais perdidos ou conseguiram sair da caverna. Dois pontos de sustentação devem ser observados. O primeiro, sugere que o espaço situado na entrada da caverna, representa o sinal da “purificação” do indivíduo, por estar posicionado ‘às portas’ do inferno. Ao transpor este “portal”, o penitente, o romeiro, o peregrino, alcança a graça de sentir-se protegido por Deus, por frequentar um espaço criado por Deus e assim, naturalmente sacralizado. O segundo ponto coloca que o rito da romaria, da peregrinação à caverna, expressa o sacrifício para se alcançar a Graça no momento em que o romeiro adentra o espaço destinado à divindade, neste caso ao Sagrado Coração de Jesus para os romeiros da Gruta da Mangabeira.

#### 5. AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, à Universidade do Estado da Bahia – UNEB e a Prefeitura de Ituaçu pelo apoio recebido durante o desenvolvimento das atividades que resultaram neste artigo.

## REFERÊNCIAS

- CASTRO, J. R. A topografia do sagrado e a natureza mítica das cidades-santuários: uma leitura a partir de Bom Jesus da Lapa/BA. In: **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n° 24, p. 33-43, 2008.
- CHARTIER, R. In: BURGUIERE, A. (org.) **Dicionário de ciências históricas**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- COUTO, E. S.; MOTA, T. M. M. Razões para peregrinar: experiências devocionais no santuário do Sagrado Coração de Jesus da Gruta da Mangabeira (Ituaçu – BA, 1900-1950). **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano XIII, n° 38, 2020.
- CUNHA, E. **Os sertões**. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- ELIADE, M. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Martins Fontes. São Paulo. 2001
- ELLIOTT, A. G. ; MAGIO, T. C. C. **A fotografia como documento e suporte à construção da memória**. XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – (XVI ENANCIB) João Pessoa, 2015.
- ELLIOTT, A. G. Análise documental das imagens fotográficas de romarias no Nordeste do Brasil; **Ibersid**. 7 Marília-SP. p. 143-150, 2013.
- HALBAWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- ROSENDAHL, Z. **Primeiro a obrigação, depois a devoção: estratégias espaciais da Igreja Católica no Brasil de 1500 a 2005**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.